

PESQUISAS

Antropologia, nr. 17

Ano 1967

João Alfredo Rohr, SJ.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE ALFREDO WAGNER

S. C. — VI — 13



INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Pedro Ignacio Schmitz, S. J. — Diretor

Aloysio Sehnem, S. J. — Coordenador para Botânica

João Oscar Nedel, S. J. — Coordenador para Zoologia

— — — —

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em tôdas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica.**

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

— — — —

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

— — — —

PESQUISAS publishes original scientific contributions in any current western language.

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactional staff.

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany.**

We ask for exchange with publications of similar character.

PESQUISAS

Antropologia, nr. 17

Ano 1967

João Alfredo Rohr, SJ.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE ALFREDO WAGNER

S. C. — VI — 13



INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner

S. C. — VI — 13

João Alfredo Rohr, SJ. *

I. — DESCOBERTA

Em 1965, através do Dr. Luís Henrique Batista, responsável pelo Setor de Contabilidade Pública do Centro de Treinamento de Estudos Contábeis (CETEC) da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina, tivemos notícias da existência, em Alfredo Wagner (Ex-Barracão), de um sítio arqueológico com artefatos de madeira e fibra, ainda, relativamente, bem conservados; coisa, aliás, extremamente rara, em sítios arqueológicos abertos.

O informante nos apresentou, além de amostras de trançado de fibra de imbé (*Phylodendron*), um artefato de madeira, em forma de curta muleta (25 cm de comprimento) e um machado ou raspador bumerangóide, à semelhança dos que foram encontrados em Itapiranga e em Misiones, na vizinha República Argentina e descritos por Menghin, como Cultura Altoparanaense. Apenas a matéria-prima era diferente.

* Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas. Pesquisa realizada com auxílio do Conselho Nacional de Pesquisas.

Enderêço do autor: Museu do Homem do Sambaqui — Caixa Postal 135 — Florianópolis, SC.

Em 1966 tivemos ensejo de visitar pessoalmente o sítio em questão. Constatamos que o mesmo estava em vias de completa destruição, de vez que fazia parte da Barreira, onde uma olaria em pleno funcionamento se abastece da matéria-prima para o fabrico de tijolos e telhas.

Em decorrência disto, resolvemos proceder, oportunamente a uma ação de salvamento naquele sítio, apesar das condições melindrosas e difíceis, que o trabalho importava; porque se tratava, nada mais, nada menos, de um banhado, secado por meio de drenagem.

Fizemos um apêlo ao dono, no sentido de não mexer, provisoriamente, na parte da barreira, em que estavam aparecendo as evidências arqueológicas, no que fomos, gentilmente, atendidos.

Combinado o assunto com a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, partimos para Alfredo Wagner, em 18 de maio de 1967.

II. — O MUNICÍPIO DE ALFREDO WAGNER E O SÍTIO ARQUEOLÓGICO.

Alfredo Wagner é município nôvo, emancipado de Bom Retiro em 1961. Possui 731 km quadrados de superfície e encontra-se a uma altitude de 450 metros. Dista 116 km de Florianópolis, localizando-se no entroncamento das estradas Florianópolis—Lages—Rio do Sul.

O Rio Itajaí do Sul atravessa o município ao meio e, dentro dêle, é engrossado por uma série de afluentes, como sejam: o Rio Caeté; o Rio das Águas Frias; o Riosinho; o Rio Jararaca; o Rio do Engano; o Rio Barro Branco e outros menores.

Alfredo Wagner, encontra-se encravado, nos seguintes municípios limítrofes; Bom Retiro, Ituporanga, Imbúia, Leoberto Leal, Angelina, Rancho Queimado e Anitápolis. É de caráter essencialmente montanhoso, predominando o arenito, que forma escarpas estratificadas.

Narram os moradores, que no centro da atual cidadezinha de Alfredo Wagner, os índios, outrora, mataram e assaram no espêto,

duas crianças que se encontravam na roça, e a seguir, abandonaram a região, temerosos da vingança do homem branco.

Em outra ocasião, assaltaram uma tropa de cargueiros, que descia a serra. Mataram três tropeiros e carregaram consigo todo o material metálico dos arreios. O fumo em rôlo, que veio na carga, foi estendido na estrada, de lado a lado, em muitas idas e voltas.

É famoso em todo o Estado de Santa Catarina, um tal "Martim Bugreiro", matador de índios. Este personagem era convidado toda a vez que se tratasse de organizar uma expedição de represália ou de caça aos índios. A técnica de Martim Bugreiro consistia em invadir o arraial à noite e trucidar os índios, antes de estes acordarem do sono.

Um filho de Martim Bugreiro, ainda vivo, mora no Município de Bom Retiro, limítrofe de Alfredo Wagner.

Dentro do Município de Alfredo Wagner existe uma série de monumentos arqueológicos, que atestam a passagem do índio por aquelas plagas. Entre estes é lícito citar casas subterrâneas, montículos de sepultamento e furnas, contendo esqueletos humanos.

As casas subterrâneas representam engenhosas habitações indígenas, adaptadas às regiões frias de nevadas e geadas intensas. Constam de buracos, abertos no solo, com dois a cinco metros de profundidade e três a doze metros de diâmetro. Localizam-se dentro dos capões de mato da zona serrana com florestas de pinheiros.

Foi possível pôr a descoberto as evidências de postes que sustentavam o teto das casas, e no fundo delas, foram encontrados fogões de pedra com pinhões calcinados, abundante carvão vegetal, fragmentos de vasilhames de cerâmica e artefatos líticos. (1)

Dentro destas estufas subterrâneas, munidas de respiradouros, junto a lareira acesa, o índio estava ao abrigo da chuva, da neve e dos ventos gelados. Pinhões, manadas de porcos do mato e outra caça, ainda hoje existente na região, garantiam a sua subsistência.

O Sítio Arqueológico SC—VI—13 é um sítio acerâmico ou pré-cerâmico. Localiza-se na esplanada de um morro, distante um km

(1) Escavações, feitas por arqueólogos gaúchos, em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, maio de 1967. Veja Pesquisas, Antropologia nr. 16: Schmitz, Pedro Ignacio — Arqueologia no Rio Grande do Sul.

da cidadezinha de Alfredo Wagner e, aproximadamente, quinhentos metros do Rio Itajaí do Sul.

O morro possui uns cinqüenta metros de altura. É coberto de mata secundária, salientando-se no meio dela, alguns pinheiros, na época carregados de pinhas em deiscência. Outrora, todos os morros das redondezas achavam-se revestidos de densas florestas de pinheiros.

O sítio faz parte de um pântano, atualmente sêco, devido a profundo canal de drenagem, aberto pelo oleiro. O canal possui cinqüenta metros de comprimento e vai desaguar em segundo pântano.

O material arqueológico é encontrado, particularmente, a sessenta e a oitenta centímetros de profundidade, em meio a uma camada de argila úmida de côr negra, com elevado teor de detritos vegetais decompostos. O sítio assenta sôbre rocha arenítica em decomposição, de côr branco-amarelada.

O banhado situa-se entre dois outros similares, ficando um dêles a cinqüenta e outro a setenta metros do primeiro.

Uma sonda, feita em um dêles, revelou a presença de pedras roladas pelas águas, trazidas do Rio, que fica quinhentos metros distante do local. No outro pântano, foi encontrada uma ponta de flecha de sílex, munida de pedúnculo e aletas.

Narra o dono do sítio que nas roças vizinhas foi encontrado abundante material arqueológico, constando de machados líticos, mãos de pilão e grande cópia de pedras, trazidas do Rio.

As condições ecológicas do sítio eram muito favoráveis. Os pinheiros abasteciam a maloca de alimento sadio e rico em carboidratos. Ocorrem na região ainda araçás, gravatás, frutas de conde, cerejas silvestres e outras frutas silvestres.

A caça era abundante. Ainda hoje existem na região veados, tatus, cotias, pacas, macacos, graxains, gatos do mato, perdizes, pombas, nhambus e papagaios. Em tempos não muito distantes eram numerosas as manadas de porcos do mato, atraídas pelo pinhão. O Rio Itajaí, distante meio quilômetro, convidava para a pesca de dourados, piavas, jundiás, pintados etc.

Quanto à origem do sítio, é plausível que, no lugar do atual banhado, no tôpo do morro, dentro da mata, existisse na época, uma nascente de água límpida e cristalina. Os índios levantaram

acampamento ao lado desta nascente, que abastecia o arraial de água potável. Cuidaram, também, da drenagem, porque a queda na esplanada era pouca.

Coagidos, um dia, a abandonarem o sítio, às pressas, deixaram no local os seus trastes de madeira, de fibra e de pedra.

A maloca, coberta com ramos de pinheiro, com cascas e folhas de árvores, acabou ruindo por terra. O telhado caiu sobre o material arqueológico.

O leito da nascente, não sendo mais drenado, foi-se entupindo e a água represada formou um banhado. Este banhado, no decorrer dos anos, foi-se entulhando, mais e mais, com folhas, detritos orgânicos e lama, que soterraram por completo o acampamento indígena.

Uma vez cobertos de água e lama, ao abrigo da ação destruidora do oxigênio do ar, a conservação dos artefatos de madeira e de fibra estava garantida.

III. — A ESCAVAÇÃO.

A escavação foi iniciada em 19 e encerrada em 31 de maio de 1967. Foi feita com auxílio de dois operários braçais, contratados e pagos pelo serviço.

Preliminarmente, elaboramos cuidadosa planta topográfica do sítio, compreendendo toda a barreira da olaria. Foi feita, igualmente, a documentação fotográfica do sítio, antes da exploração, com filme preto e branco e com slides coloridos.

A planta topográfica (Fig. 3) revela, que o oleiro, escavara uma área de, aproximadamente, setecentos e sessenta metros quadrados. A retirada do barro provocou um desnível, que oscila de metro a metro e noventa centímetros, medidos do ponto zero (ponto mais baixo da barreira). Desta área, segundo informações colhidas e, à base das escavações feitas, apenas uns oitenta a noventa metros quadrados estavam abrangidos pelo sítio arqueológico. Dois terços desta área fôra removida pelo trabalho do oleiro.

Para fins de escavações foi estaqueada uma área de cento e vinte e oito metros quadrados. O estaqueamento foi feito de dois em dois metros, resultando setores de quatro metros quadrados, cada qual. As estacas das coordenadas longitudinais, foram assinaladas com letras de A até I e as estacas das coordenadas horizontais, por números, de 1 até 6.

Os setores são identificados, usando-se os números e as letras correspondentes, como sejam: setor 1—A; setor 2—A; setor 3—A ou setor 1—B; setor 2—B setor 3—B. . . etc.

ESTRATIGRAFIA.

O terreno apresenta superfície grosseiramente horizontal, sendo o desnível da área, por nós escavada, inferior a trinta centímetros. Estava revestido de vegetação secundária herbácea e arbustiva (capoeira). Veja Fig. 2.

Até sete centímetros de profundidade, encontramos humus recente sôlto; de mistura com fôlhas em decomposição, de côr pardo-escura.

A seguir, até a profundidade de oitenta centímetros aparece uma camada de humus argiloso de côr negra, com elevado teor de detritos orgânicos. A côr dêste barro é tão escura que se torna extremamente difícil distinguir nêlo os grânulos de carvão. Quando exposto a fogo intenso e prolongado toma côr branca.

Esta camada, negra, na parte superior, até uns setenta centímetros de profundidade, está atravessada em todos os sentidos por fendas e rachos, de maneira que forma glebas colunares. As fendas alcançavam sete centímetros de largura e existiam nelas numerosos ninhos de camondongos.

As glebas individuais, quando sêcas, são, relativamente, leves, mas muito consistentes, resistindo, bastante, a ação da ferramenta. Do outro lado, o conjunto é tão sôlto, que, cavando em um ponto da superfície, todo o solo passa a tremer.

Esta camada é formada pela lama do banhado, detritos orgânicos, fôlhas decompostas etc. Esta lama, secando em decorrência da

drenagem, contraiu-se e provocou o fendilhamento intenso de tôda a camada.

De oitenta a cento e trinta centímetros, temos uma camada de argila hímica e plástica de côr amarela-escura, que constituía o fundo do banhado extinto. É rocha decomposta, contendo pequeno teor de detritos orgânicos.

De metro e meio em diante, temos rocha arenítica em decomposição, de côr amarelo-clara, quase branca, que constitui o embasamento do sítio.

A variação de côr, nos três níveis do terreno: côr negra, côr amarela-escura e amarela-clara, quase branca, é muito nítida e destacada.

O MATERIAL ARQUEOLÓGICO

O material arqueológico é encontrado na camada de terra preta. Nesta camada, a sessenta centímetros de profundidade, encontramos um primeiro nível de ocupação ou chão de casa. Neste nível, o solo estava juncado de centenas de seixos rolados, trazidos do rio; de artefatos de pedra, de fibra e de madeira; de cipós, e paus, alguns de vinte centímetros de espessura, e parte dêles, parcialmente, carbonizados pelo fogo. Havia, também, abundantes cascas de árvores.

A maior parte da madeira era de pinho, apesar do estado adiantado de decomposição, fàcilmente reconhecível, pelos pequenos nós, que estavam melhor conservados.

Entre os artefatos líticos, destacavam-se machados líticos, bate-dores, amoladores, quebra-coquinhos, pequenas lascas de silex, núcleos etc. Havia machados de corte alisado, preparados a partir de seixos rolados pelas águas, a maioria dêles, com evidências de encabamento. Outros machados de corte alisado possuíam cabo solidário; fabricados a partir de prismas alongados e achatados de diabásio.

Entre os artefatos de madeira havia belíssimos e finos trançados de fibra de imbé, que faziam parte de cestinha e duas espirais de fibra de imbé, que revestiam pontas de arco. O arco havia desaparecido, mas as fibras envolventes estavam ainda conservadas, como negativos mostrando o vazio da peça envolvida.

Foram encontrados dois artefatos de madeira, superficialmente decompostos, feitos de nó de pinho. Possuíam forma de pregos, de cabeça esférica, de quatro centímetros de espessura. Possuíam quinze a dezesseis centímetros de comprimento.

Neste nível, em decorrência dos paus, parcialmente carbonizados, foi fácil coletar abundante carvão para datações pelo método do carbono (C14).

Nesta mesma camada de terra preta, a oitenta centímetros de profundidade, foi encontrado segundo nível de ocupação. Além de vestígios de madeira em decomposição, havia algumas dezenas de cascalhos trazidos do Rio e alguns artefatos líticos. Os artefatos dêste segundo nível de ocupação, no formato geral, não se afastam muito dos artefatos do nível de sessenta centímetros. Achavam-se, no entanto, em estado muito adiantado de decomposição, esfarelado-se, a maioria dêles, ao contato da ferramenta.

Neste nível não ocorreram paus carbonizados, e foi um problema conseguir amostra de carvão, para análise rádio-ativa. Foi conseguido, tirando-se, pacientemente, finas fatias daquela argila negra e adesiva. Quando cortados os grânulos de carvão, deixavam fina estria, mais negra, na parede do barro cortado.

Em nenhum dos níveis foi encontrado vestígio de cerâmica.

OS ARTEFATOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO SC—VI—13

No sítio arqueológico SC—VI—13, foram encontrados artefatos de madeira, artefatos de fibra e artefatos de pedra.

1. — ARTEFATOS DE MADEIRA

Os artefatos de madeira são em número de três.

a. — O primeiro dêles, tem forma de curta muleta, fabricada de nó de pinho. (Fig. 4c).

Possui vinte e cinco centímetros de comprimento.

A parte superior forma espécie de sela ou meia lua e possui cinco centímetros de espessura e doze centímetros de comprimento. A haste, de três centímetros e meio de espessura, na parte superior, vai afinando, suavemente, em direção da extremidade inferior. Possivelmente, se trate de um tembetá, visto que a parte superior ajusta-se, perfeitamente, à curvatura da mandíbula humana.

b. — Segundo artefato de madeira, apresenta forma de prego, munido de cabeça globular. (Fig. 4D).

Foi fabricado, igualmente, de nó de pinho.

Possui cento e quarenta e sete milímetros de comprimento. A espessura da cabeça é de trinta e oito milímetros. Possivelmente se trate de um virote, isto é, ponta de flecha destinada a atordoar pássaros, ou a derrubar pinhões.

c. — Terceiro artefato de madeira é similar ao precedente, apenas pouco mais comprido (cento e sessenta e dois milímetros) e de cabeça algo mais grossa (quarenta e dois milímetros).

Todos os três artefatos, possivelmente, possuísem superfície, perfeitamente, polida; mas sofreram decomposição superficial, em decorrência da longa exposição à humidade.

Todos os três artefatos encontramos ao nível de sessenta centímetros.

2. — ARTEFATOS DE FIBRA DE IMBÉ (PHYLODENDRON PERTUSUM)

Foram encontrados, no sítio arqueológico SC—VI—13, oito artefatos fabricados a partir de fibra de imbé.

Três dêles foram retirados por nós, em escavações sistemáticas no nível de sessenta centímetros. Outros cinco haviam sido retirados pelo oleiro, no dizer dêle, no mesmo nível.

a. — O primeiro artefato é uma espiral de fibra, que envolvia a ponta de um arco. O arco desaparecera, mas a espiral de fibra conservada, forma como que o negativo da ponta de arco decomposto. (Fig. 7B).

A espiral tem oitenta milímetros de comprimento. É constituída por uma fita de fibra de imbé de três milímetros de largura e frações de milímetros (0,2) de espessura. Foi encontrado no nível de sessenta milímetros.

No Museu do Homem do Sambaqui de Florianópolis, existem arcos, envolvidos com fibra similar.

b. — Segundo artefato de fibra, foi encontrado ao lado do precedente, distante dêle trinta milímetros. Trata-se de espiral de fibra, similar a precedente, apenas, bem mais curta (14 mm) e de diâmetro menor.

c. — Terceiro artefato de fibra, é uma espécie de trançado, feito de fitas finíssimas de fibra de imbé. (Fig. 5).

Foi encontrado no nível de sessenta centímetros.

As fibras individuais possuem, aproximadamente, um milímetro de largura. O tecido tem uns cento e sessenta centímetros de comprimento por oitenta de largura. É composto de tiras individuais justapostas e comprimidas.

Cada tira individual horizontal, é formada por duas fitas onduladas e enroladas uma ao redor da outra, ficando as ondulações opostas, formando como que os elos de uma corrente. Através dêstes elos, de espaço a espaço, passa uma fita vertical que dá consistência ao trançado.

Todo o trançado é tão regular e perfeito, que dá a impressão de se tratar de trabalho de fábrica e demonstra habilidade extraordinária, da parte do artífice indígena.

O conjunto formava pequena cestinha.

d. — Quarto artefato é, igualmente, espécie de tecido, trançado de fita finíssima de fibra de imbé. (Fig. 7C).

As fitas individuais, possuem um e meio milímetros de largura e frações de milímetros de espessura.

O tecido possui trinta centímetros de comprimento, por vinte e cinco centímetros de largura. Semelhantemente ao precedente, é muitíssimo regular, lembrando artigo de fábrica e atestando grande habilidade, da parte do fabricante.

No fabrico, no entanto, foi seguida técnica diferente. Foram colocadas fitas longitudinais, em forma de leque; sendo estas, a seguir, entretecidas por fitas transversais, muito juntas, não deixando vazio algum.

O artefato foi recolhido pelo oleiro, no nível de cinqüenta centímetros. Possivelmente, se trate de objeto de adôrno.

e. — Quinto artefato de fibra, é constituído por volumoso conjunto de centenas de fitas de fibra de imbé, onduladas e enroladas duas a duas, uma ao redor da outra, lembrando os elos de uma corrente. (Fig. 6).

As fitas individuais possuem milímetro e meio de largura e frações de milímetro de espessura. À primeira vista, parece tratar-se de uma rêde de pescar; falta, no entanto, qualquer vestígio de malha.

Foi retirado pelo oleiro no nível de cinqüenta centímetros.

f. — Sexto artefato, é trançado de fibra de imbé, de quinze centímetros de comprimento e meio centímetro de largura máxima.

É formado por quatro fitas individuais, superpostas duas a duas e, formando um trançado simples. Em uma das extremidades termina com três tirinhas finas de trançado, descrito sob a letra c, o que sugere tratar-se, de objeto de adôrno.

g. — Sétimo artefato representa uma corda de fibra de imbé, dobrada em feixes de seis centímetros de comprimento, amarrado com fita de imbé. (Fig. 7A).

O comprimento da corda é de, aproximadamente, dois metros e a espessura de um centímetro. É formada por duas fitas de imbé, de centímetro e meio de largura, torcidas e enroladas uma ao redor da outra.

Poderia servir como corda de arco.

Foi retirada pelo oleiro, no nível de cinqüenta centímetros.

h. — Oitavo artefato de fibra, consta de uma fita de imbé de

dois e meio centímetros de largura e metro e meio de comprimento. Apresenta um nó, ligando as extremidades entre si. Possivelmente se trate de matéria-prima, para o fabrico de artefatos.

Foi retirado pelo oleiro, no nível de cinqüenta centímetros.

III. — ARTEFATOS LÍTICOS

O material lítico, recolhido no sítio arqueológico SC—VI—13, compreende machados, quebra-coquinhos, batedores, amoladores, núcleos e miscelânea — artefatos de função duvidosa.

D'entre os machados destacam-se raridades arqueológicas, a saber, machados com cabo solidário.

1. — Material recolhido no nível de sessenta centímetros.

A. — MACHADOS.

a. — Machado SC—VI—13, N.º 1. (Fig. 4B).

Trata-se de um machado com cabo solidário, fabricado a partir de um seixo de diabásio. No formato tende para esquadriforme. Possui uma face plana e outra convexa. O gume é alisado: metade dêle perdeu-se durante o uso. O cabo vai estreitando em direção da extremidade.

É artefato polido em quase tôda a superfície, ostentando apenas vestígios de córtex. Representa o primeiro machado lítico, com cabo solidário, que temos encontrado e visto, até a presente data.

Dimensões: 192 X 115 X 45 milímetros.

Pêso: 800 gramas.

Segundo machado, com cabo solidário, de acabamento mais perfeito, foi recolhido a três km de distância, na superfície. (Fig. 4A).

Foi fabricado, a partir de um seixo tabular de diabásio. No formato se aproxima do machado atual metálico, quando munido de cabo. Apresenta gume e superfície tôda polida. As duas faces e um dos lados são planos. O outro lado é irregularmente côncavo, formando curva suave, a começar do gume, até a extremidade do cabo. A extremidade do cabo é algo engrossada, com o fim de dar firmeza à mão do operador.

Dimensões: 280 X 92 X 6 milímetros.

Pêso: 1.100 gramas.

Uma série de machados líticos comuns, haviam sido retirados pelo oleiro, antes da nossa chegada ao sítio SC—VI—13.

Trata-se de artefatos bastante uniformes no tamanho; mas díspares no acabamento.

A maioria possui entalhe para encabamento.

b. — Machado SC—VI—13, N.º 2 (M. R.)

Machado perfeitamente polido no gume e em tôda a superfície. Metade do gume arredondado perdeu-se pela metade, por lascamento durante o uso. Ambas as faces são regulares e convexas. Os lados constituem arestas alisadas. A cabeça ou bordo inativo forma plano alisado.

Dimensões: 198 X 80 X 42 milímetros.

Pêso: 1.100 gramas.

c. — Machado SC—VI—13, N.º 3, (M. R.)

Machado em tudo semelhante ao precedente. Acha-se, porém, superficialmente, decomposto, de forma que podemos raspar à faca uma camada de dois a três milímetros de espessura da superfície.

Dimensões: 194 X 87 X 47 milímetros.

Pêso: 1.150 gramas.

d. — Machado SC—VI—13, N.º 4, (M. R.)

Machado de duas faces convexas, todo coberto de cicatrizes de lascamento, um lado plano e outro em arestas lascadas. O gume aliado foi quase todo destruído por grande lascamento em uma das faces. O bordo inativo forma aresta cortante, possivelmente, também usado. Como o anterior, acha-se superficialmente decomposto.

Dimensões: 178 X 82 X 37 milímetros.

Pêso: 860 gramas.

e. — Machado SC—VI—13, N.º 5, (M. R.)

Machado de uma face plana e outra convexa. Os lados e o bordo inativo são arredondados. O gume, com larga cicatriz de lascamento, em uma das faces. Próximo ao bordo inativo, de um e do outro lado, apresenta um entalhe para encabamento. Acha-se superficialmente decomposto.

Dimensões: 192 X 96 X 40 milímetros.

Pêso: 980 gramas.

f.— Derradeiro exemplar, em tudo semelhante ao precedente, apenas de menores dimensões e mais profundamente decomposto.

B. — QUEBRA-COQUINHOS.

Denominamos quebra-coquinhos ou quebra-nozes, seixos de formato indefinido, que apresentam, nas faces, pequenas depressões, destinadas a receberem coquinhos e outras sementes a serem quebradas, com o fim de aproveitar-lhes o albúmen.

Os quebra-coquinhos, evidentemente, desempenhavam papel importante na economia doméstica do índio; razão pela qual são encontrados em todos os sítios arqueológicos. São particularmente abundantes nos sambaquis.

Isto se explica facilmente, tomando em consideração que as frutas silvestres e as suas sementes constituíam a principal fonte de carbo-hidratos para as tribos indígenas, que não conheciam a agricultura.

Na pequena área por nós escavada, no sítio arqueológico SC—VI—13, no nível de sessenta centímetros, foram recolhidos sete exem-

plares de quebra-coquinhos. Todos êles foram preparados a partir de seixos rolados pelas águas e trazidos do Rio Itajaí do Sul. Apresentam a depressão característica apenas em uma das faces. As depressões têm dez a vinte milímetros de diâmetro e cinco milímetros de profundidade máxima.

As dimensões, oscilam de 140 X 115 X 76 a 80 X 65 X 50 milímetros e o pêso de 300 a 1.200 gramas.

Todos acham-se superficialmente decompostos.

C. — **BATEDORES.**

Foram recolhidos, no sítio, seixos rolados pela água do Rio, que apresentam desgaste nas extremidades, sugerindo uso como instrumentos percussores ou batedores.

Variam em formato e dimensões. Uns possuem formato alongado e achatado; outros são arredondados e achatados; outros ainda apresentam formato oval.

As dimensões oscilam de 67 X 57 X 32 a 152 X 82 X 50 centímetros.

O pêso varia de 160 a 960 gramas.

Êstes artefatos assemelham-se aos batedores encontrados nos sítios da Tapera e de Caiacanga-Mirim, na zona litorânea de Florianópolis.

D. — **AMOLADORES.**

Alguns seixos, de forma indefinida, apresentam partes da superfície mais ou menos polidas ou côncavas, em decorrência do desgaste, provocado pelo uso, como pedras de amolar.

Parte dêles são de rocha basáltica, cascalho trazido do Rio. Neste caso a superfície desgastada, apresenta-se perfeitamente lisa e polida e pouco côncava. Serviriam para amolar artefatos líticos.

Outros, são de rocha arenítica e apresentam concavidade áspera. Serviriam de preferência para alisar artefatos de madeira.

As dimensões variam de 100 X 53 X 25 a 150 X 92 X 75 milímetros.

E. — MISCELÂNIA.

Elevado número de seixos, trazidos do Rio Itajaí, não apresentam evidências de uso.

Outros, ao invés, apresentam sinais de debastamento e lascamento em uma ou mais arestas, sendo, no entanto, difícil determinar-lhes a função.

a. — Salienta-se, dentro dêste material, comprido seixo (SC—VI—13, N.º 7) rolado pelas águas, que apresenta um dos lados lascado em tôda a extensão. Possui formato pisciforme e poderia servir para descascar troncos de árvores.

Dimensões: 358 X 108 X 64 milímetros.

b. — Segundo seixo (SC—VI—13, N.º 8) chato, de formato elíptico, apresenta tôda a periferia desbastada por lascamento. Possui 132 X 98 X 25 milímetros e talvez servisse para raspar peles e desbastar fibras.

2. — NÍVEL DE OITENTA CENTÍMETROS.

No nível de oitenta centímetros, não foi encontrado material de madeira ou fibra conservado.

O material lítico dêste nível, quanto ao formato e acabamento geral, não se afasta muito do material recolhido no nível de sessenta centímetros.

É, porém, muito mais pobre em número, indicando ocupação passageira, pouco prolongada daquele nível. Outrossim, encontra-se

em estado adiantado de decomposição, esfarelado facilmente, ao contato da ferramenta, em decorrência da submersão mais prolongada no meio úmido.

Abrange algumas dezenas de seixos rolados pelas águas, alguns deles com sinais de lascamento ou alisamento; outros sem vestígios aparentes de uso.

Dentre os artefatos deste nível, destaca-se um machado, alguns quebra-coquinhos, batedores e amoladores.

Foi recolhido, apenas, um exemplar de machado, constando de parte do corpo, com gume polido. Foi fabricado a partir de um seixo de diabásio, rolado pelas águas. O gume é arredondado; as faces convexas e os lados arredondados e alisados.

Dimensões: 72 X 68 X 36 milímetros.

Pêso: 220 gramas.

Ocorreram dois exemplares de quebra-coquinhos, ambos fabricados a partir de seixos rolados pelas águas.

Um deles possui forma, que tende a circular, achatada e apresenta a depressão característica, em ambas as faces.

Dimensões: 93 X 85 X 35 milímetros.

Pêso: 350 gramas.

Segundo exemplar de quebra-coquinhos, de formato oval achatado, apresenta a depressão característica, apenas, em uma das faces. Pequeno desgaste nas extremidades sugere uso suplementar como batedor.

A matéria-prima dos batedores e amoladores, do nível de oitenta centímetros, são seixos de diabásio, rolados pela água.

Em decorrência do estado adiantado de decomposição, perderam grande parte das suas características.

CONCLUSÕES.

O Sítio SC-VI-13 é um sítio pré-cerâmico. Localiza-se em Alfredo Wagner, próximo ao Rio Itajaí do Sul, à altitude de quinhentos

metros, no cruzamento das estradas Florianópolis—Lages—Rio do Sul. É sítio, particularmente, interessante, por ter machados líticos com cabo solidário, bem como artefatos de madeira e trançado de fibra, ainda conservados; fato aliás extremamente raro em sítios arqueológicos abertos. A presença de artefatos de madeira e de fibra, possivelmente, seja devido a um abandono precipitado do local pelos inquilinos.

A conservação do material de madeira foi possível, devido à água, que alagou o acampamento ou maloca indígena, não muito tempo depois de êstes terem abandonado o sítio.

O sítio arqueológico, atualmente, forma um banhado, que foi drenado pelo dono de uma olaria, com o fim de aproveitar a argila do banhado no fabrico de telhas e tijolos.

Um perfil estratigráfico do solo, apresenta a seguinte configuração:

Cobertura superficial de capoeiras e arbustos. Até sete ou oito centímetros, humus recente de côr parda, proveniente de fôlhas em decomposição. A seguir, uma camada de argila de côr negra, com alto teor de detritos orgânicos, até a profundidade de oitenta centímetros. Esta camada apresenta-se rachada e fendida em todos os sentidos, formando colunas de barro, em decorrência da contração do barro e da lama do pântano ao secar, após a drenagem.

A esta, segue uma camada de argila plástica de côr amarela-escura, com pequeno teor de detritos orgânicos, de quarenta centímetros de espessura. Daí em diante temos terra amarela-clara, proveniente de rocha arenítica em decomposição.

O material arqueológico é encontrado, particularmente, no nível de sessenta centímetros e no nível de oitenta centímetros de profundidade; revelando duas ocupações. A primeira ocupação, no nível de oitenta centímetros, foi pouco prolongada.

A sessenta centímetros encontramos um nível coberto de centenas de seixos rolados pelas águas e trazidos do Rio, grande número dêles com evidências de uso, como machados, quebra-coquinhos, batedores, amoladores etc.

Sôbre as pedras e por entre elas, havia abundância de paus, parte dêles parcialmente calcinados, alguns artefatos feitos de nó de pinho e trançados de fibra de imbé.

Neste nível parece ter havido uma casa coberta de ramos de pinheiro e cascas de árvores, tudo amarrado com cipós. O telhado desta casa primitiva parece ter ruído sôbre o material arqueológico, após a casa ser abandonada pelos inquilinos.

A oitenta centímetros de profundidade existia segundo nível de ocupação com algumas dezenas de seixos rolados pelas águas e trazidos do Rio, parte dêles com sinais de uso. O material lítico daquele nível, porém, estava em estado adiantado de decomposição, esfarelado-se ao contato.

Quanto à identidade dos construtores do Sítio Arqueológico SC—VI—13, possivelmente se trate de botocudo, ou caingangue que foram encontrados na região pelos primeiros colonizadores.

A idade do nível de oitenta centímetros, presumivelmente, seja ao redor de oitocentos anos e do nível de sessenta centímetros de uns seiscentos anos. Para fins de datação foi encaminhado, ao Museu Nacional de Washington, carvão vegetal dos diversos níveis.

NÔVO TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO

Em fins de abril de 1967, participamos de escavações arqueológicas promovidas pelo Instituto Anchietano de Pesquisas na Localidade de Santa Lúcia, Município de Caxias do Sul, Estado do Rio Grande do Sul. Participaram das escavações, seis arqueólogos, auxiliados por doze operários braçais.

Gastaram-se dez dias em trabalhos de campo, durante os quais foram escavadas duas casas subterrâneas e um tipo nôvo, até agora inédito, de sítio arqueológico.

Trata-se de pequenos montículos, de três a quatro metros de comprimento e meio metro de altura. São em tudo, semelhantes à elevação de terra, que costuma assinalar a sepultura nova e recente, no cemitério atual. A diferença está em que o sepulcro pré-histórico, está assinalado, na superfície, por côr diferente do solo. Enquanto o solo dos arredores possui côr escura, a terra que cobre os montículos pré-históricos é de côr amarela-escura da rocha arenítica em decomposição, retirada do fundo e amontoada na superfície.

No capão de mato, em que se efetuaram as escavações de Caxias do Sul, foram encontrados, passante de trinta casas subterrâneas

e acima de quarenta montículos. Dentro do montículo escavado foi encontrado abundante carvão vegetal, artefatos líticos e cerâmica, análoga à encontrada dentro das casas subterrâneas.

No centro do montículo, assinalou-se a presença de alguns alvéolos irregulares de barro não cozido de uns vinte a trinta centímetros de diâmetro, cheios de terra pulverulenta escura. Em um deles, inclusive, foi encontrado um pedacinho de osso calcinado. Alguns deles provavelmente são buracos de tatu.

A zona de Alfredo Wagner, onde fizemos escavações arqueológicas em maio, é zona de pinheiros, similar à zona de Santa Lúcia, em Caxias do Sul.

Não nos causou, por isso, surpresa, o fato de encontrarmos, também, em Alfredo Wagner, tanto casas subterrâneas como montículos.

Com o fim de esclarecer melhor o problema destes misteriosos montículos, terminada a escavação do sítio SC—VI—13, passamos a escavar um deles.

Esta escavação foi feita na localidade de Demora, quatro quilômetros distante de Alfredo Wagner, do lado esquerdo do Rio Itajaí do Sul, em terrenos de propriedade de Lindolfo Mariotti.

Existem ali, num pasto, sete montículos, encostados numa lomba suave. Distavam entre si oitenta metros. Cinco deles estão enfileirados quase em linha reta, encosta acima, com desnível de seis metros, entre o primeiro e o último. Os dois outros estão um pouco deslocados para a esquerda. Ladeiam um açude artificial, cuja água é trazida de um arroio distante quarenta metros. Numa roça vizinha existem mais dois montículos similares.

O montículo, por nós escavado, foi o primeiro da fila. Na forma fugia algo da configuração típica alongada, apresentando formato, que tendia a circular. Tinha três metros de diâmetro e meio metro de altura. Estava revestido de grama. Retirada esta, apareceu a cobertura de terra amarela-escura retirada do fundo.

Foi estaqueado, de dois em dois metros, iniciando-se as escavações com o setor 1—A. O primeiro perfil estratigráfico da coordenada que separa os setores 1—A e 1—B, revelou um desnível do solo de dez centímetros. Havia terra húmica de cor escura até setenta centímetros e daí em diante, terra de cor amarela-escura de rocha em decomposição.

Segundo perfil estratigráfico, paralelo ao primeiro, e distante dêle um metro, apresentou o desnível de trinta centímetros. Nêle foi assinalado atêrro, de terra amarela-escura. Êste atêrro, em forma de cunha, junto à coordenada B, possuía cinqüenta centímetros e junto à coordenada A possuía zero centímetros.

Até esta altura não foi assinalado o mínimo vestígio de material arqueológico.

Terceiro perfil estratigráfico, paralelo aos dois primeiros, e distante um metro do anterior, revelou um desnível do solo de trinta centímetros, a partir da estaca 2—A até a estaca 2—B. O atêrro de terra amarela-escura em forma de cunha, junto à estaca 2—A tinha zero centímetros de espessura e junto à estaca 2—B, possuía 75 centímetros.

Ainda não apareceu evidência arqueológica até esta altura.

Prosseguindo na escavação, no setor 2—A, junto à estaca 2—B, finalmente, foi assinalada a presença de um alvéolo de barro, não cozido, análogo aos que encontramos nos montículos escavados em Caxias do Sul. Possuía trinta centímetros de diâmetro e continha terra poirenta sôlta.

No mesmo setor, à profundidade de trinta a cinqüenta centímetros foi encontrado abundante carvão vegetal granulado, do qual recolhemos amostras para análises rádio-ativas.

Além do carvão e do pequeno alvéolo de barro, não cozido, nenhuma outra evidência arqueológica, foi encontrada no montículo.

O perfil estratigráfico longitudinal pelo centro do montículo, correspondendo à coordenada B, portanto, perpendicular aos precedentes, revelou um desnível máximo de cinqüenta centímetros no centro do montículo.

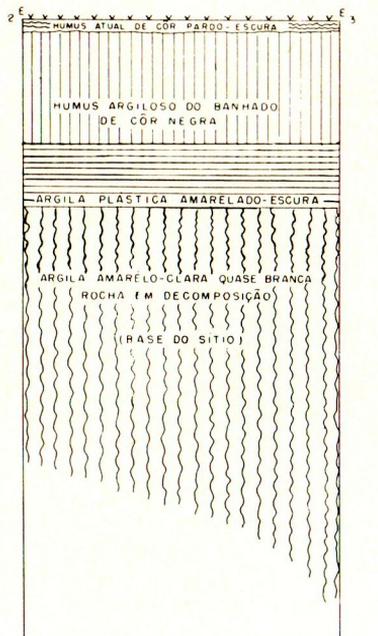
O atêrro de terra amarela-escura, tinha forma de duas cunhas opostas, com espessura máxima de setenta e cinco centímetros.

Abaixo do atêrro, até a profundidade de um metro e dez centímetros, havia terra húmica, escura, de côr natural da superfície do solo, da região, seguida de terra de côr amarela-escura da base do sítio, que é de arenito decomposto, rocha principal da região.

Não nos foi possível esclarecer o mistério daqueles montículos estranhos, que são bastante freqüentes na região, de vez que as evidências arqueológicas, neste montículo eram ainda mais pobres que em Santa Lúcia.



Fig. 1 — Localização do sítio



ESCALA 1:20 SÍTIO SC-VI-13 PERFIL ESTRATIGRÁFICO

Fig. 2 — Perfil estratigráfico

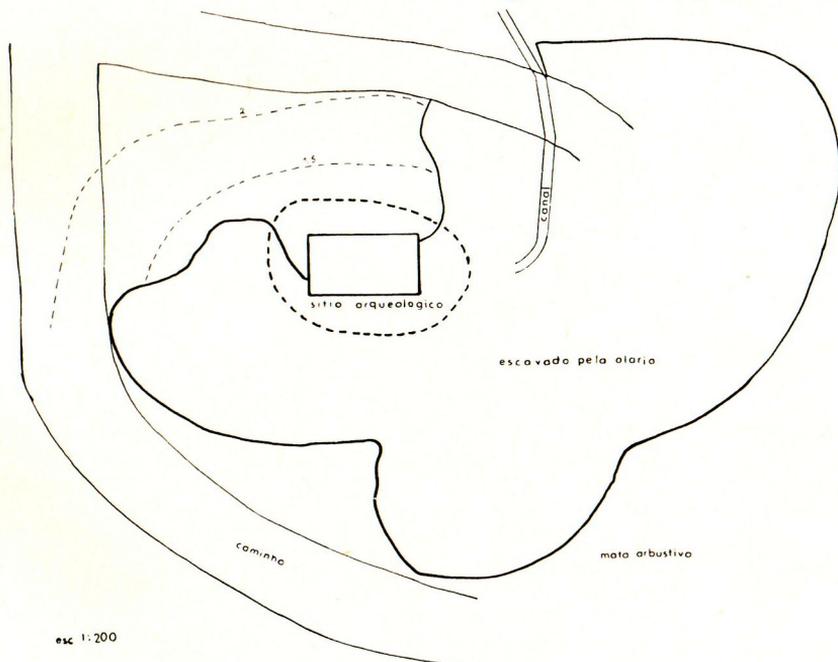


Fig. 3 — Planta do sítio

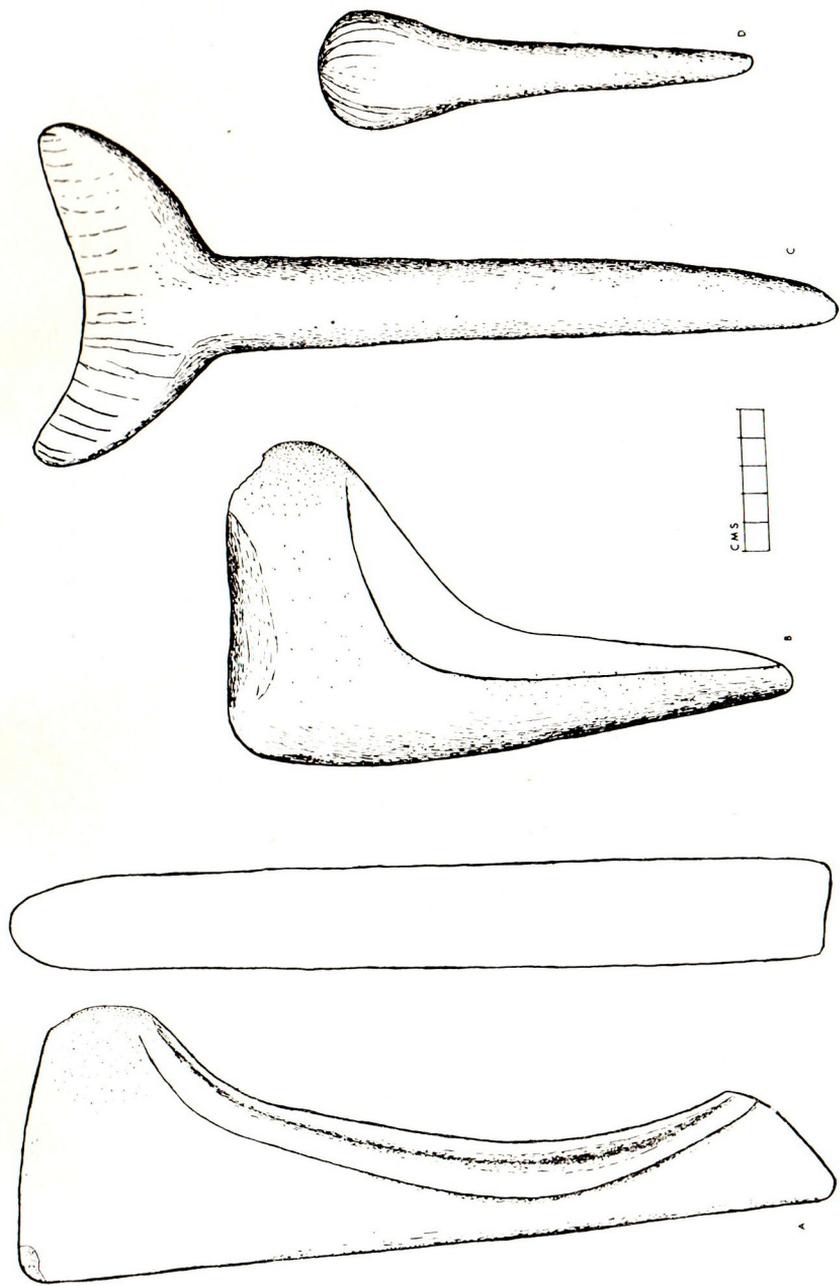


Fig. 4 — A. B, machados polidos com cabo solidário; C "muleta" de madeira; D virote de madeira.



Fig. 5 — Trançado em forma de cesta.

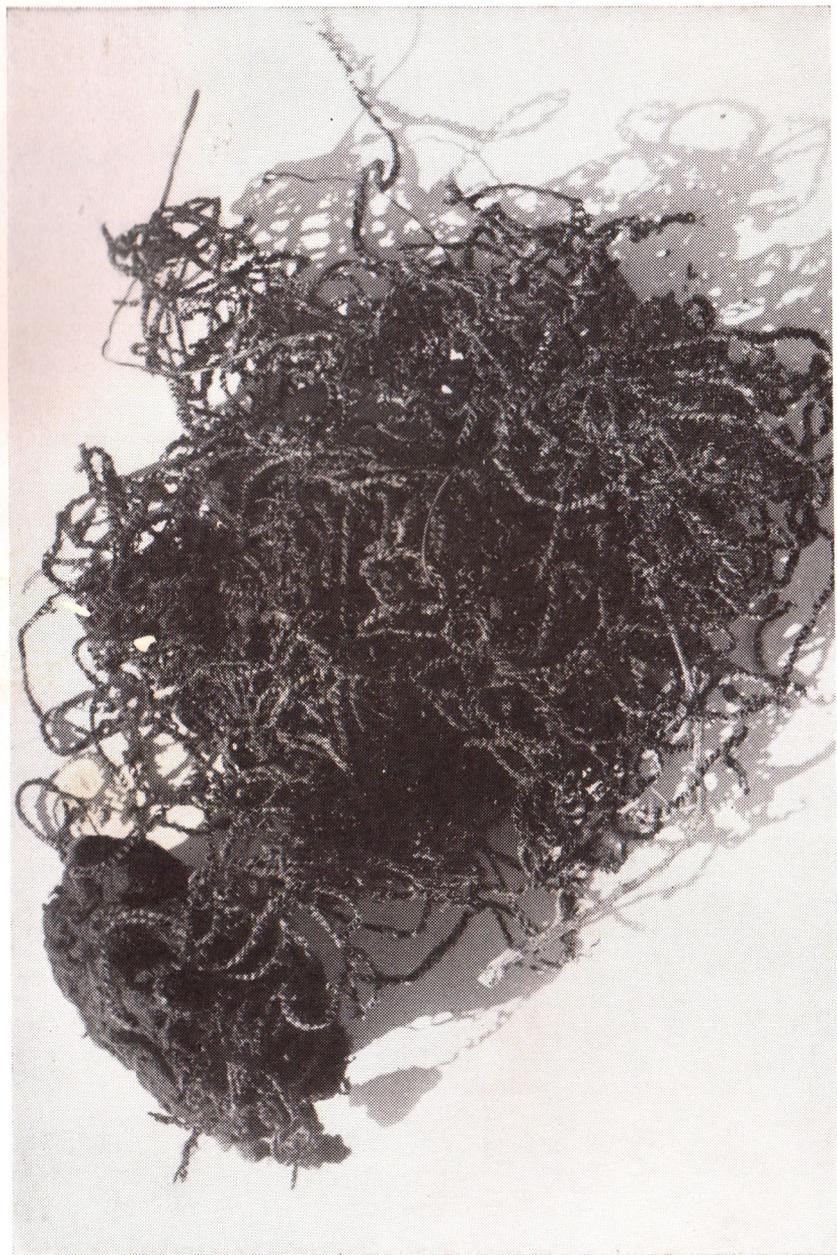


Fig. 6 — Trançado.

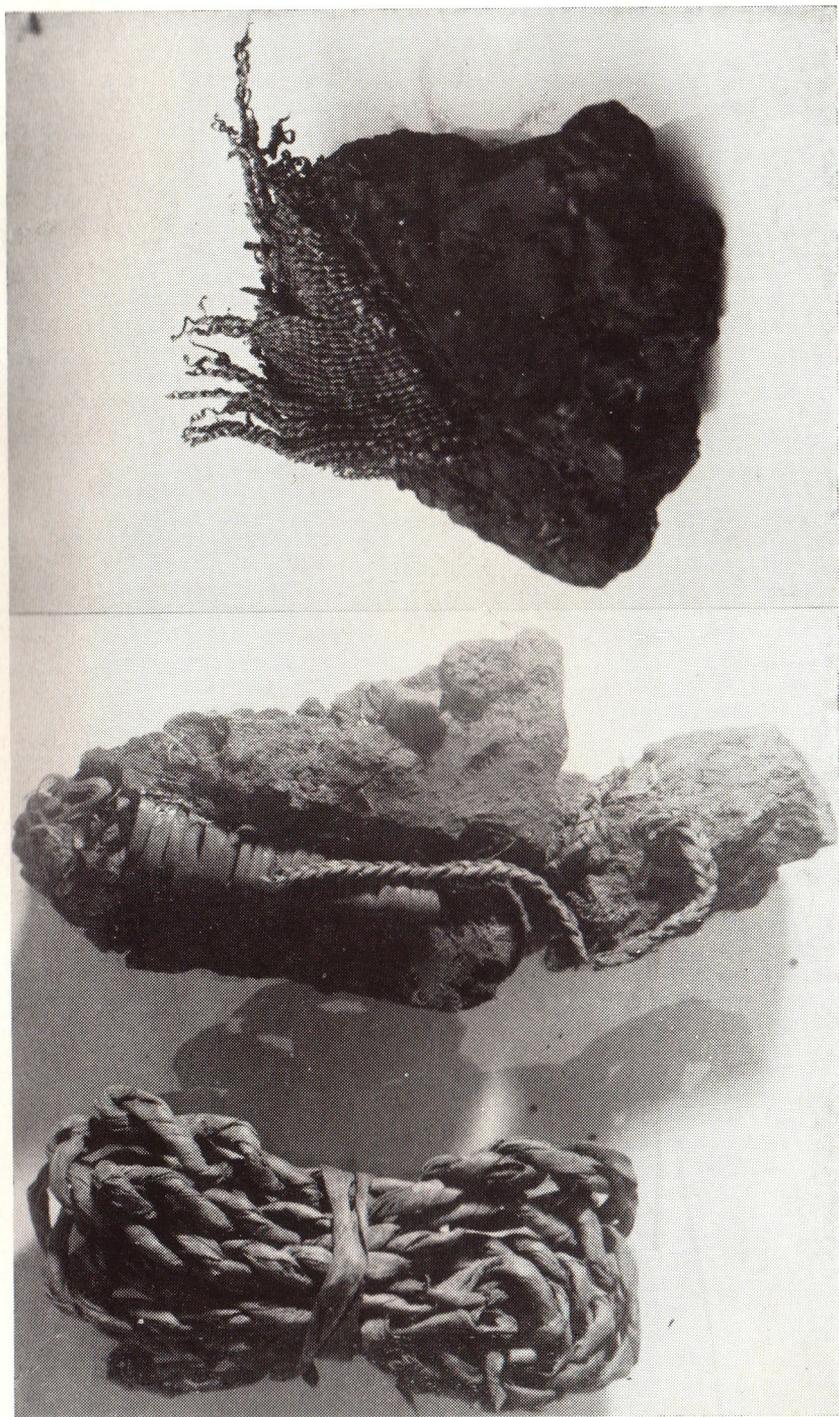


Fig. 7 — Diversos tipos de trançado.

Segundo perfil estratigráfico, paralelo ao plano A, a distância entre os pontos de encontro é igual à distância entre os pontos de encontro de cada uma das partes da amostra. A distância entre os pontos de encontro é igual à distância entre os pontos de encontro de cada uma das partes da amostra.

Até esta altura não foi encontrada nenhuma evidência de material arqueológico.

Terceiro perfil estratigráfico, paralelo aos dois anteriores, e distando um metro do anterior, revelou um desnível de sete decímetros, a partir do ponto 1. A partir do ponto 2, a distância entre os pontos de encontro é igual à distância entre os pontos de encontro de cada uma das partes da amostra. A distância entre os pontos de encontro é igual à distância entre os pontos de encontro de cada uma das partes da amostra.

Ainda não foram encontradas evidências arqueológicas em esta altura.

Proseguindo os estudos, no sector 3, foi encontrado, entre os 2 e 3 metros, uma presença de um objecto de cerâmica em forma de cálice, com o diâmetro de 10 centímetros e altura de 5 centímetros. Foi encontrado um objecto de cerâmica em forma de cálice, com o diâmetro de 10 centímetros e altura de 5 centímetros.

No mesmo sector, a profundidade de três metros, foi encontrado um objecto de cerâmica em forma de cálice, com o diâmetro de 10 centímetros e altura de 5 centímetros. Foi encontrado um objecto de cerâmica em forma de cálice, com o diâmetro de 10 centímetros e altura de 5 centímetros.

Além do cálice e do objecto de cerâmica em forma de cálice, foram encontradas outras evidências arqueológicas, foi encontrado um objecto de cerâmica em forma de cálice, com o diâmetro de 10 centímetros e altura de 5 centímetros.

O perfil estratigráfico longitudinal, pelo centro do sector, revelou um desnível máximo de dez centímetros, a partir do ponto 1. A partir do ponto 2, a distância entre os pontos de encontro é igual à distância entre os pontos de encontro de cada uma das partes da amostra. A distância entre os pontos de encontro é igual à distância entre os pontos de encontro de cada uma das partes da amostra.

O objecto de cerâmica em forma de cálice, com o diâmetro de 10 centímetros e altura de 5 centímetros, foi encontrado em forma de cálice, com o diâmetro de 10 centímetros e altura de 5 centímetros.

Além do cálice, foram encontradas outras evidências arqueológicas, foi encontrado um objecto de cerâmica em forma de cálice, com o diâmetro de 10 centímetros e altura de 5 centímetros. Foi encontrado um objecto de cerâmica em forma de cálice, com o diâmetro de 10 centímetros e altura de 5 centímetros.

Em suma, foi possível estabelecer o perfil estratigráfico, com o objecto de cerâmica em forma de cálice, com o diâmetro de 10 centímetros e altura de 5 centímetros. Foi encontrado um objecto de cerâmica em forma de cálice, com o diâmetro de 10 centímetros e altura de 5 centímetros.

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Uruguai** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 1, 1957, 122—142.
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1, 1957, 143—180, 293—295.
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul)** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 2, 1958, 113—143.
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 3, 1959, 199—266.
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 3, 1959, 267—324.
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien** — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 6; 60 pp.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de Sta. Catarina e Paraná** — Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 7, 51 pp., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 8, 32 pp., 5 fig., 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztlas** — J. Hasler — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 9, 17 pp.
10. **Os Münkü. 2.^a Contribuição ao estudo da tribo Iranche** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 10, 59 pp.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien.** — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1961, Antropologia nr. 11, 28 pp., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1961, Antropologia nr. 12, 18 pp., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense** — Igor Chmyz — Pesquisas 1962, Antropologia nr. 13, 19 pp., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961)** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1962, Antropologia nr. 14, 27 pp., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina. I. Exploração sistemática do sítio da Praia da Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga** — Alfredo Rohr, S. J. — Pesquisas 1966, Antropologia nr. 15, 61 pp. 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul** — Pedro Ignacio Schmitz, S. J. e outros — Pesquisas 1968, Antropologia nr. 16, .pp, 5 fig., 6 pranchas.

VALE DO RIO DOS SINOS

Revista da Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos

Publica trabalhos de pesquisa e artigos dos Professores e Alunos da Faculdade, nos campos sócio-econômico-doutrinários.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres.

Enderêço:

Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos
Praça João Pessoa, 35 — Tel. 16 — São Leopoldo, RS,
Brasil.

ESTUDOS LEOPOLDENSES

**Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
de São Leopoldo**

Publica trabalhos de pesquisa dos Professores e formados da Faculdade, nos seguintes setores:

História e Ciências Sociais

Educação

Filosofia

Letras

História Natural

Matemática

Pode ser conseguida em volumes, contendo todos os artigos, ou em cadernos separados por setores.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres.

Enderêço:

Estudos Leopoldenses — Praça João Pessoa, 35 —
São Leopoldo, RS, Brasil.